



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



## **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA OS ALUNOS COM NECESSIDADES  
ESPECIAIS.**

**AILDE LIMA E SILVA**

**ORIENTADORA: CARLA DE BORJA REIS**

**Brasília/2011.**



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**AILDE LIMA E SILVA**

## **A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA OS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.**

AILDE LIMA E SILVA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientadora: CARLA DE BORJA REIS

Brasília/2011

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

AILDE LIMA E SILVA

### **A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PARA OS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS.**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 29/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Professora M<sup>a</sup> Carla Borja Reis (Orientadora)

---

Professora M<sup>a</sup> Ana Cláudia Rodrigues Fernandes (Examinadora)

---

Ailde Lima e Silva (Cursista)

BRASÍLIA/2011

*Dedico este trabalho ao meu pai Lídio Francisco de Lima e minha mãe Carmelita Maurício da Silva, pelo incentivo que sempre me deram na tarefa de aprender a aprender, aprender a fazer, e aprender a ser.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que direciona minha vida e por seu infinito amor.

A meus filhos, pela torcida e apoio e à Prof<sup>a</sup> Carla de Borja pela grande ajuda e eficiente orientação.

## RESUMO

O presente trabalho traz uma pesquisa científica sobre a contribuição da literatura para os alunos com necessidades especiais, procura ressaltar a importância de se ler e saber interpretar o que se lê. Um dos principais problemas que enfrentamos na educação brasileira, além do descaso é a pouca importância que se dá a leitura, cultura que impera em nossos cidadãos, pois o país conta com um alto índice de analfabetos funcionais, o que afeta grandemente aos alunos com necessidades educacionais especiais, que são os mais penalizados. Os objetivos propostos na pesquisa foram pensados como uma forma de promover e apoiar educandos e educadores na busca por um espaço e por atividades que promovam a socialização. Os temas apresentados foram pesquisados de forma a referenciar a importância da leitura da literatura pelos alunos ANEES e a interação dos mesmos na escola comum. A metodologia utilizada foi de abordagem quantitativa e qualitativa e teve como foco a investigação do desenvolvimento e potencialidades dos alunos ANEES. O processo de análise de dados foram feitos à medida que os dados foram produzidos, verificando a veracidade das informações, alcançando os objetivos propostos. A construção de uma sociedade inclusiva exige mudanças de idéias e práticas, portanto faz-se necessário que a escola viabilize projetos que atendam a todos, independentes de suas necessidades educacionais especiais, de forma a garantir a participação de todos.

Palavras-chave: Literatura, leitura, Inclusão.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - A Leitura no Processo de Inclusão.....	11
1.1 - O que é Leitura.....	15
1.2 - A Importância da Leitura.....	18
1.3 – A literatura e a Inclusão.....	20
2 – EDUCAÇÃO INCLUSIVA / ANEES.....	25
2.1 – Integração Versus Inclusão.....	27
3. – OBJETIVOS.....	31
4. – METODOLOGIA.....	32
4.1 – Contexto da pesquisa.....	33
4.2 – Participantes.....	34
4.3 – Instrumentos.....	34
4.4 – Procedimento de Construção dos Dados.....	34
4.5 - O Processo de Análise de Dados.....	35
5. – VERIFICANDO O RESULTADO DA PESQUISA.....	36
- Considerações Finais.....	44
- Referências Bibliográficas.....	46
- Apêndice A – Questionário aplicado aos docentes.....	49
- Apêndice B – Roteiro da entrevista com os alunos.....	52
- Anexos.....	49
- Carta de Apresentação.....	53

## APRESENTAÇÃO

A presente monografia busca enfatizar a importância da utilização da literatura infantil na sala de leitura pelos alunos ANEEs, pois o incentivo a leitura é uma das atribuições da instituição escolar, exigidas pela sociedade. A Sala de leitura é um exemplo de espaço propício ao desenvolvimento do aluno, pois os professores podem utilizá-la como instrumento pedagógico. Ler é uma atividade que requer concentração e prazer, e a sala de leitura é o espaço adequado para esta prática. É explícito na esfera escolar o enfraquecimento do ato da leitura, caminho que dá acesso ao processo de compreensão e interpretação textual. E sabemos que se há fracasso na leitura, não haverá familiarização com a interpretação textual. A escola em que trabalho, o Centro de Ensino Fundamental Santa Rita, de Santa Maria, possui a sala de leitura Monteiro Lobato, que desenvolve projetos que buscam incentivar o hábito da leitura e despertar o prazer de ler. O projeto “Ler é um Prazer” tem como objetivo desenvolver nos alunos, incluindo os alunos com necessidades educacionais especiais o hábito da leitura, para que possam sentir prazer com esse momento de lazer. A escola adquiriu um acervo considerável, com títulos que atraem os jovens. O Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) do FNDE, também contribui para a formação do acervo da sala de leitura. Adquirimos livros de literatura infanto juvenil com letras e ilustrações grandes para os alunos de baixa visão, outros voltados à inclusão que contam a história de várias deficiências e como se relacionar com elas. O Jornal Correio Braziliense tem contribuído para compor o acervo de leitura com o projeto “Leio e escrevo o meu futuro”, que oportuniza aos alunos o acesso ao jornal do dia. O professor recebe uma caixa com trinta e cinco jornais que serão lidos em sala de aula, após a leitura pode ser solicitado ao aluno escrever um resumo, fazer uma crítica sobre a matéria escolhida ou relatar do que leu para os colegas, orientado pelo professor de língua portuguesa.

A procura pela sala de leitura é grande, pois o ambiente criado pelos atuantes da mesma é aprazível. Os alunos gostam do pequeno espaço em que os livros e periódicos são dispostos de forma a atrair o leitor, como o “Cantinho



do Ziraldo” por exemplo, em que as obras do autor estão organizadas de forma a convidar o aluno a ler. A avaliação do projeto pelos professores e alunos foi um sucesso, pois a sala de leitura conta com cerca de cento e três leitores diários que tomam emprestado livros com o prazo de até dez dias para devolução. Ao final de cada semestre a sala de leitura premia com um livro os melhores leitores do semestre, seus nomes são escritos no mural da escola para que toda a comunidade escolar possa ler.

O Trabalho que desenvolvemos nesta sala de leitura juntamente com o projeto de leitura, despertou-me o interesse em realizar essa pesquisa, para descobrir se o projeto em ação está alcançando os objetivos propostos para os alunos com necessidades educacionais especiais.

Tal projeto partiu da análise de que a importância da leitura é incontestável, uma vez que abre caminhos para a aquisição do conhecimento, através da análise interpretativa, que cobra do leitor a visão perceptível para lidar com os textos e linguagens postas em suas experiências vivenciais. Metodologias e projetos pedagógicos atrativos e dinâmicos provenientes dos docentes interessados nesta vertente de estudo, juntamente com a colaboração e desempenho dos discentes amenizam a crise da leitura e da interpretação textual, pois a interação e o compromisso são pontos cruciais à mudança desse quadro.

A sala de leitura não representa um espaço independente, mas um complemento da escola que busca destacar atividades agradáveis e atualizadas aos principais acontecimentos políticos e culturais. Os atuantes na sala de leitura preocupam-se principalmente em despertar nos alunos o gosto pela leitura, bem como promover o hábito no exercício da mesma. Afinal, a maior preocupação de todos os professores é estabelecer uma conexão de objetivos que proporcione a diversidade étnico-racial e a inclusão de alunos ANEES, valorizando a aprendizagem que será proporcionada tanto ao educando como ao educador.

Educação constitui-se em um dos principais mecanismos ativos de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a

promoção do ser humano, estimular, criar hábitos, formar valores e comportamento, principalmente se ela é uma escola inclusiva.

A inclusão é um desafio, que ao ser devidamente enfrentado pela escola, provoca a melhoria da qualidade da Educação Básica e Superior. Para que os alunos com e sem deficiência possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável o aprimoramento de práticas que considerem as diferenças. Esse aprimoramento é necessário sob pena de os alunos passarem pela experiência educacional sem tirar dela o proveito desejável, comprometendo um tempo que é valioso e irreversível em suas vidas: o momento do desenvolvimento.

A transformação da escola não é, portanto, uma mera exigência da inclusão escolar de pessoas com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem. Ela deve ser encarada como um compromisso inadiável das escolas, tendo a inclusão como consequência (Brasil, 2003, p.30).

A maioria das escolas está longe de se tornar inclusiva. O que existe, em geral, são escolas que desenvolvem projetos de inclusão parcial, os quais não estão associados a mudanças estruturais, atendendo aos alunos com deficiência em espaços escolares sem adequação física e pedagógica ou de forma totalmente segregada a exemplos das Classes especiais, ou escolas especiais (Brasil, 2004, p. 30). Faz-se necessário assim que cada escola elabore o seu projeto, procure associar-se a parcerias, para melhor atender a essa demanda e praticar uma educação de qualidade que vise, em especial, o desenvolvimento do aluno.

A pesquisa tem por objetivo a investigação da contribuição da leitura para o desenvolvimento do aluno com necessidades especiais, pois ler é um bom começo na vida de qualquer cidadão. Além de dar prazer é um caminho que ajuda a melhorar as pessoas: aprimora o conhecimento geral; oferece subsídios para refletir sobre o mundo e a condição humana.

## **1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – LEITURA NO PROCESSO DE INCLUSÃO**

O paradigma da inclusão remete a pensar as questões do acesso e da qualidade na educação. Chama atenção dos sistemas de ensino para a necessidade de uma nova organização dos espaços educacionais, incluindo nessas mudanças uma visão abrangente do currículo, com vista à eliminação das barreiras que dificultam ou impedem a participação e a aprendizagem de alguns alunos em razão de suas necessidades individuais. Neste sentido, a política de educação inclusiva pressupõe o desenvolvimento de ações estruturadas para atender as especificidades de cada aluno no processo educacional, dentre elas, a ampliação da oferta de recursos e serviços que assegurem condições de acessibilidade às pessoas com necessidades especiais.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB-9394/96), no artigo 58, entende-se por educação especial, para efeitos desta lei, modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela da educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

A inclusão escolar é uma necessidade social, portanto, de todos os cidadãos, independente de suas diferenças sociais, culturais, étnicas, raciais, sexuais ou das suas condições físicas, intelectuais, emocionais, lingüísticas e outras. Um exemplo é o direito que os alunos surdos têm de matricular-se na rede regular de ensino, de qualquer estado ou município, partindo da determinação legal que estabelece que as escolas devem estar abertas às suas diferenças lingüísticas. O acesso à comunicação e à educação deverá ser garantido mediante a implementação da educação bilíngüe, na qual Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e língua portuguesa constituem a língua de

instrução. Para isso, é preciso que a escola mantenha em seu quadro de profissionais, mediante formação e atuação, professores bilíngües e instrutores de LIBRAS.

Além deste fator, ressalta-se que uma das vias através das quais o conhecimento chega à escola são os materiais impressos, sejam estes livros didáticos ou literários.

“Em verdade, seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente, isso ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diferentes tipos de livros” (Silva, 2000: p. 31).

É necessário compreender, porém, a forma como a leitura desses livros é conduzida pelo professor. Nas palavras de Silva (2000), ele enfatiza que:

É importante lembrar que todo professor, por adotar um livro ou mesmo por produzir ou selecionar seus textos, transforma-se, necessariamente, num co-responsável pelo ensino e encaminhamento da leitura.(p.33).

Assim, quando se trata do uso do livro para crianças no contexto escolar, Zilberman, (1983), acrescenta que:

O professor precisa estar apto à escolha de obras apropriadas ao leitor infantil e ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura e possibilitem a compreensão das obras e a verbalização pelos alunos do que foi apreendido (pg, 23).

Nas palavras da mesma autora:

A atividade com a literatura infantil e , por extensão, com todo o tipo de obra ficcional, desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, pois é esta que complementa a recepção, na medida em que não apenas evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre esta significação e a situação atual e histórica do leitor .(p. 24)

A experiência da leitura deve decorrer das propriedades da literatura enquanto forma de expressão artística, utilizando-se da linguagem para conciliar e relacionar racionalidade, ficção e realidade. Nesse sentido, partindo da abordagem sócio-histórica do conhecimento, sustentada na teoria Vygotskiana, destaca-se seus aportes principais como a linguagem, em suas diferentes formas, constitui-se em instrumento mediador da aprendizagem do

indivíduo, bem como a interação com seus conhecimentos já adquiridos ou em construção, além de outra característica significativa desta linha, que é a consideração de aspectos que apontam a imaginação e a ludicidade como necessárias ao desenvolvimento cognoscitivo da criança. Sobre o desenvolvimento da linguagem em crianças e a importância desse fator na trajetória humana, Vygotsky (1989) complementa:

(...) a capacidade especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para o problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. (p.31) .

Nesta perspectiva, o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que ele realiza em um determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos de sua espécie. E assim, a aprendizagem possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento, sendo considerado um aspecto necessário e fundamental no desenvolvimento das funções superiores. Para melhor explicar a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, Vygotsky (1991) formulou o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que envolve os níveis de desenvolvimento real e de desenvolvimento potencial. O nível de desenvolvimento real são as capacidades que a criança já aprendeu ou consolidou, são as funções que ela consegue desempenhar sozinha. Já o nível de desenvolvimento potencial refere-se aquilo que a criança é capaz de fazer mediante ajuda de outras pessoas, com auxílio do diálogo, da colaboração e da experiência partilhada. Em relação ao conceito de zona de desenvolvimento proximal, Vygotsky (1989) o define como:

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através de solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (p. 97)

Sob esta ótica, o aprendizado é o responsável por ativar a zona de desenvolvimento proximal, pois através da interação com outras pessoas a criança coloca em movimento outros processos de desenvolvimento que sem a ajuda externa não ocorreriam. Assim, o que é zona de desenvolvimento proximal hoje, resultará em zona de desenvolvimento real amanhã. Deste modo, a teoria Vygotskiana auxilia a compreensão de que o processo de aprendizagem da criança inicia-se muito antes desta frequentar a escola, e que a sua presença na escola produz algo fundamentalmente novo para ela. Isso ocorre porque há a relação entre o conhecimento cotidiano - a aprendizagem diária da criança - e o conhecimento científico - conhecimento trabalhado pela instituição escolar. A consonância entre os dois permite a produção cultural. A possibilidade de ampliação desses limites torna imprescindível o conhecimento do conceito de zona de desenvolvimento proximal.

Segundo VYGOTSKY (1989):

“...não é o defeito que decide o destino das pessoas, mas sim, conseqüências sociais desse defeito. Se focalizarmos os defeitos levando em consideração apenas o que está posto, só encontraremos limites.” (pg.05)

Se nós professores analisarmos como fonte de outras capacidades que emergem nas necessidades, sentidos e desejos produzidos nas relações sociais encontraremos as possibilidades da falta. Não é uma questão de fácil compreensão, e sua elucidação passa pelo conceito de compensação proposto por Vygotsky, segundo o qual, qualquer defeito origina estímulos para a formação de outras formas de funcionamento. Esses estímulos não são frutos de uma força individual inata; tampouco é uma força biológica própria dos órgãos que realizariam a compensação do que falta ou do que falha. Eles emergem nas relações sociais como necessidades, urgências, motivos e desejos e podem, no curso dessas relações, desencadear *"processos edificadores e equilibradores no desenvolvimento e na conduta"* dos indivíduos (Vygotsky, 1989).

É fundamental destacarmos que importante no processo interativo não é só a figura do professor ou do aluno, mas também do campo interativo criado. Em nosso caso a sala de leitura e a atividade a ser desenvolvida, com os livros

literários. Além de proporcionar a interação entre as pessoas, esse espaço promove as transformações fundamentais para o processo de aprendizado, a exemplo das ações partilhadas, onde a construção do conhecimento se dá de forma conjunta. O importante é perceber que tanto o papel do professor como o do aluno não derivam de ações isoladas, mas de ações convergentes que possibilitam a ambos alcançar os objetivos traçados nos planejamentos.

Para Vygotsky, (1989)

“...a leitura nunca é mera decodificação mecânica. Nos momentos em que a decodificação dos signos está presente, a leitura vem impregnada de sentidos e predomina sobre o significado da palavra.”  
(pag. 5 )

As palavras segundo ele obtêm seu sentido no contexto do discurso, mudando o contexto e variando o sentido da palavra.

### **1.1 - O QUE É LEITURA?**

Com a necessidade de interagir com a diversidade de símbolos da língua, o indivíduo se depara com o ato de ler. Ler é muito mais do que extrair a significação de um texto, é também entendê-lo. Assim, a leitura está embutida em todas as experiências vivenciais e cobra do leitor a sua percepção e sensibilidade. Percebe-se então que a leitura é a compreensão do texto a partir do momento em que o indivíduo transita do ângulo superficial para a visão crítica, ultrapassando os limites do texto, lendo assim o que aparece nas entrelinhas.

A tônica da educação nos séculos XVIII e XIX era ensinar aos indivíduos a ler e a escrever e dominar a linguagem matemática, fatores suficientes para uma completa e harmônica integração social e profissional. Estes foram os séculos, da explosão da Revolução Industrial, que trouxe a exigência de escolaridade para todos. Posteriormente, o século XX foi marcado pela revolução tecnológica exigindo a formação de um novo homem, adequado a uma sociedade forjada na informação e no conhecimento. Com isso, já não basta somente ser alfabetizado e dominar cálculos é preciso deparar-se com

uma nova exigência dos tempos modernos: o ato de pensar, isto é, libertar-se do superficial e seguir o caminho da análise do racional.

A contextualização histórica dá a sua contribuição no aspecto de focalizarmos o grande pecado do setor educativo no processo de alfabetização das crianças, no que tange à leitura e a compreensão do que se lê ainda não é bem trabalhada pedagogicamente pelos docentes. Desde o processo de aquisição do ato de ler os indivíduos são visualizadores do que está escrito, não sabendo compreender a mensagem que está sendo transmitida, isto é, não há um rompimento com o texto superficial, não há a verdadeira leitura, ou seja, aquela que acontece nas entrelinhas, a qual nomeou como interpretação.

Outra realidade preocupante é a vasta quantidade de analfabetos funcionais, aquelas pessoas que, ao deixarem a escola, perderam o convívio com a leitura e a escrita embora tenham aprendido a ler e escrever, e tornam-se com o tempo incapazes de fazê-los. Nessa situação encontram-se professores e alunos, pois carregam consigo a dificuldade de compreender internamente as experiências vivenciadas no contexto social e também no literário. Percebe-se então, o quanto é importante trabalhar o aspecto da leitura, que é o caminho para a compreensão e para o distanciamento com o senso comum, pois conforme Jean Foucambert (1994);

“Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso ao escrito, é construir uma resposta que entrelace informações novas àquelas que já se possuía.” (pg.19)

Para Freire (1980), enfatiza que: “A leitura é um diálogo, uma troca de saberes que possibilita a mudança de postura em relação ao mundo.”(pg.11)

E para que a leitura desempenhe este papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Freire (1980), é uma forma de estar no mundo.

A interpretação de um texto é individual, porque individuais são as experiências de cada um. Um texto é plurissignificativo, e cada pessoa dependendo de sua vivência, atribui a ele um determinado significado ou se detêm a algum aspecto explorado pelo autor. Quando se trata de um texto literário, onde a subjetividade é bem maior, a quantidade de leitura e de



informações prévias influi substancialmente na interpretação e na compreensão do que é lido.

Como atuante da sala de leitura observo os alunos em sua busca por entender o que lêem. Muitos escolhem livros com poucas páginas, acreditando assim que será fácil a interpretação do que lêem. Um caso que gostaria de relatar é de um aluno do 7º ano, que chamarei de Luís. Este aluno costumava escolher vários livros. Deles lia somente as primeiras páginas por não conseguir se concentrar por um tempo maior e logo desistia, pegando outro em seguida. Após várias tentativas de leituras frustradas desistiu e abandonou a sala de leitura. Sentindo sua falta fui à sua sala de aula e pedi que a professora autorizasse sua saída, pois precisava falar com ele. Após uma longa conversa descobri que Luís gostava de curiosidades, fatos reais que tivessem bastantes ilustrações. Sugeri a ele que lesse o Guinness Book, percebendo que esse tipo de livro poderia chamar a sua atenção. E para minha satisfação a experiência deu certo. Hoje, após dois anos, Luís lê livros de aventura tendo preferência por histórias de mistério que estimulam a imaginação. Na verdade ele necessitava em primeiro momento, de criar o hábito da leitura, precisava aprender a gostar de ler.

Por essa, e por outras razões, é que acredito ser a leitura uma forma exemplar de aprendizagem. Estudos revelaram que o aumento da capacidade resulta também no aumento da capacidade de aprender, e ainda, de interpretar o que está à sua volta, além da mera recepção. A boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as idéias do autor.

As pessoas consideradas “especiais” são reconhecidas por apresentarem desordens na aprendizagem, relações de condutas, problemas emocionais, como também podem ter perda de algumas funções, como a psicológica, fisiológica ou anatômica. Além de carinho, paciência, atenção e amor, a pessoa especial precisa de diversão e de acesso a instrumentos que ampliem a sua capacidade cognitiva. E a leitura pode ter um papel importante no processo de aprender, tornando real a possibilidade de aprender se divertindo.

Faz-se necessário que estas pessoas “especiais” recebam atenção psicológica, por meio da psicoterapia lúdica que inclui entre outros, o trabalho com a exploração do imaginário por meio de narrativas maravilhosas que encontrarão nos livros de literatura. A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumentando assim a possibilidade de desenvolvimento do indivíduo.

## **1.2 - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**

A leitura de um modo geral amplia e diversifica nossas visões e interpretações sobre o mundo e a vida como um todo. Precisamos estar atentos a esta questão, pois a ausência da leitura inviabiliza uma série de possibilidades em nossas vidas. São inúmeras as possibilidades de mergulhar em fantasias ou realidades no mundo das palavras, seja em um romance ou artigo; em uma crônica ou conto, em uma poesia ou num manifesto, um jornal ou ensaio, gibi, história infantil ou infanto-juvenil.

É comum na adolescência falta de gosto pela leitura, neste período, a literatura, por exemplo, fica afastada do convívio diário do aluno, mas cabe a escola, neste momento, proporcionar as condições necessárias para encontro e reencontro do jovem com os livros. Essa tentativa é feita por alguns, mas nem sempre o resultado é eficaz. Em se tratando de pais a situação não é menos complicada, considerando que o fator determinante para instigar nos filhos o hábito de ler é o próprio gosto que estes têm pela leitura. O exemplo, significa muito nestes casos, ele serve de base para habilitar novos leitores.

Vivemos em um mundo digital, onde as palavras escritas em papel não têm muito valor. E somando a este fato, a literatura ainda é um recurso disponível para poucos, para os que têm maior poder aquisitivo. Os mais pobres, embora tenham algum acesso aos livros, dependem de bibliotecas públicas, nem sempre próximas ou com bom acervo. Em alguns casos, também, não sabem utilizar esses acervos de forma adequada. Dessa forma, a

literatura se transformou num produto de elite, e aqueles que não tem o acesso ou simplesmente não tem o gosto de ler são deixados de lado. Esse fato pode ser constatado ao compararmos alunos de escolas particulares com alunos de escolas públicas, os resultados são extremamente desanimadores. A leitura no seu sentido geral amplia nossos horizontes e nos transporta ao mundo da imaginação. Sem contar os conhecimentos que acabamos adquirindo quando mergulhamos em universos desconhecidos como o da literatura policial, da literatura infantil ou infanto-juvenil, a literatura fantástica, a literatura clássica, além dos artigos políticos, econômicos, sociais e culturais encontrados nos jornais e em outros veículos de informação impressa. Portanto, é de suma importância desenvolver uma “cultura de leitura”, pois só assim seremos aprendizes e formadores de opinião em todo o ambiente social que estivermos.

No entendimento de Foucault (1994) no estágio atual, as discussões sobre a escolha de metodologias para atrair novos leitores são ao mesmo tempo, obsoletas e prematuras. A escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é a leitura e a sua grande contribuição para o desenvolvimento dos indivíduos em processo de formação cultural, só assim é possível escolher a metodologia adequada. Afinal, a leitura vem acompanhada de reflexões que contribuem na interpretação das experiências do cotidiano escolar e social.

Segundo Faccini e Bertani, “A sociedade do futuro é descrita como a “sociedade do aprendizado”(pg.16). Acredita-se que será necessário o aprendizado contínuo, para garantir a continuidade do desenvolvimento econômico”. O indivíduo deve ajustar-se a necessidades que estão sempre mudando. Já não basta a uma pessoa completar sua educação escolar. O progresso da ciência e da tecnologia se processa num ritmo tal que a instrução que hoje ministramos será considerada insuficiente amanhã. No futuro a educação será permanente ou, melhor ainda, a auto educação será permanente.

Os livros têm sido há séculos portadores de conhecimento de uma geração para outra e dificilmente serão ultrapassados por qualquer outro meio de transmissão do conhecimento. São pedras angulares da vida intelectual e

emocional. Para os jovens leitores, os bons livros atendem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e concepções de vida. Ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida.

Em relação à leitura para portadores de necessidades educacionais especiais, Silva e Fachen (2002) afirmam que:

“... verifica-se que a leitura para alunos com necessidades educacionais especiais favorece-lhes um maior desenvolvimento crítico e intelectual, bem como estimula o seu imaginário, permitindo que algumas barreiras e conceitos sobre a pessoa com necessidades especiais sejam quebradas.” (pg, 154)

Esta citação reforça a importância deste projeto, pois as pessoas com necessidades especiais em muitos casos têm capacidade maior de resposta do que o esperado, surpreendendo os profissionais que trabalham com elas pela sua dedicação, interesse e seu desenvolvimento cognitivo.

### **1.3 - A LITERATURA E A INCLUSÃO**

Literatura é a expressão da criatividade, da cultura e das idéias que alguém tem e transmite. Mas, mais do que isso, o texto escrito é a expressão cultural e histórica de uma sociedade.

Saber escrever todos que passaram por um processo de escolarização sabem. Saber dominar a escrita, utilizar as palavras de forma prazerosa, atrativa, clara e coesa é domínio de poucos. Escrever é comum, incomum é escrever poesia, contos que prendem a atenção do leitor do início ao fim, livros que causam ciúme ao portador e versos de improviso que nos deixam maravilhados.

A escrita está conosco em nosso dia a dia, em nosso vai e vem na cidade. A literatura, embora possa parecer algo mais seletivo e inacessível, também nos acompanha. A literatura de cordel, por exemplo além de ser uma

escrita de características únicas, serve como canal difusor de informação. Nascido às margens de uma sociedade dominada pelo coronelismo, o cordel deu voz e vez ao homem do campo, ao homem pobre que não podia ser ouvido. Sendo considerada uma importante forma de manifestação da cultura popular. (Wolfgang 2008, pag. 02)

Como a Literatura de cordel, muitas outras literaturas surgiram como: Ilíada, Odisséia, Beowulf e o Talmude (Wolfgang – 2008, pg. 02). A literatura é simples, embora às vezes surja rebuscada. Ela passa nas mãos de homens nobres, homens comuns, homens importantes e indigentes. A literatura é imprevisível. É como ler os contos de Decamerão e ouvir o padre ensinando a uma jovem a enviar o “diabo” para o “inferno” (Wofgang – 2008, pg.02). A literatura infantil e juvenil pode ser um elemento facilitador na promoção da inclusão. Ela é capaz de despertar a identificação do leitor com os problemas físicos, sociais e emocionais dos personagens. Sensibilizado e envolvido pelo contexto da história, o leitor é instigado a atuar mais solidariamente, pois há uma quebra natural de preconceitos (Wofgang 2008, pg.02).

Para Cândido, a narrativa pode provocar sentimentos e reflexões que não ocorreriam espontaneamente. Ao vivenciar e experimentar o papel do personagem, refletindo sobre as narrativas, o indivíduo passa a ver que a vida é rica de significados. Isso pode representar para ele um depósito de esperanças e estimular o desejo de descobrir coisas novas, que o incite a desenvolver habilidades e conhecer o poder de suas próprias potencialidades. (Cândido 2010, pg 01).

Sabemos que uma história deve despertar a curiosidade para poder prender a atenção do leitor. Mais que isso, porém, ela deve estimular a imaginação e trabalhar as emoções para poder enriquecer a vida. Nas palavras de Cândido 2010 quando a criança ouve um conto de fadas, os símbolos agem de modo subliminar: vão direto ao inconsciente para “trabalhar” seus conteúdos e resolver algum eventual problema. As mudanças aparecem, mas pelo uso de imagens e símbolos – o uso do inconsciente, sem a necessidade de explicações, conselhos ou sermões. A literatura infantil e juvenil pode ajudar a

reelaborar perdas, ressignificar e reinterpretar o próprio mundo. As perdas se reelaboram no plano simbólico sem ameaçar a estrutura real, possibilitando um equilíbrio entre a ansiedade e a aspiração. No reconhecimento das dificuldades e das soluções para os problemas, o leitor passa entender melhor esse mundo complexo, e isso o ajuda a colocar em ordem a sua casa interior.

Segundo Cândido, (2010, pg 2) as narrativas sempre atraíram os homens: contadas oralmente, noite abertas, ao pé das fogueiras, ou ouvidas ao abrigo, ao redor das lareiras; lidas solitariamente, sob as cobertas; contadas pela mãe na hora de dormir, ou pelo professor nas salas de aulas; desenhadas e vistas nas paredes das cavernas, nos murais das igrejas, ou nas telas da televisão e do cinema; representadas em praças públicas e teatros; e, atualmente, experienciadas virtualmente nas telas do computador.

Dentre as narrativas, os contos de fadas e os contos maravilhosos, tornaram-se importantes instrumentos de pesquisa para os estudiosos do campo da educação. Um dos precursores no estudo da importância dos contos de fadas na vida das crianças foi o psicólogo Carl Gustav Jung. Para ele, o homem constrói sua experiência de vida de forma inconsciente. Há um inconsciente coletivo universal, que pertence a todos os lugares e todas as épocas, desde a Pré-história, e que vai se formando através dos tempos por uma repetição de experiências. Essa repetição cria um conjunto de “resíduos”, uma capacidade de arquivar o que se aprendeu que ele chama de *typos* – uma espécie de molde dessas experiências vividas. Jung diz que eles aparecem no nível inconsciente por meio de imagens, figuras, e não de palavras: esses *typos* transformam-se em arquétipos (Cândido 2010, pg 04).

Muitas obras resgatam aspectos históricos; outras discutem ética, cidadania e a necessidade de harmonização do homem com o meio ambiente. Muitas são carregadas de pensamentos filosóficos que permitem reflexão crítica e conscientização, um repensar nos valores de vida. E há ainda as que podem servir de alavanca para textos mais complexos, o que permite comparações e análises em suas diferenças e similaridades (Artigo – Literatura Infantil).

Vale aqui lembrar que o livro vem sendo usado por muito tempo, como um elemento importante no processo educacional, proporcionando, ao aluno, um elevado nível de autonomia na aprendizagem ( Akagui e Kirner, 2004, pg 394), No entanto, apesar de conter textos e ilustrações, muitas vezes o livro não gera motivação suficiente para o aprendizado, principalmente nos casos de portadores de necessidades especiais. Por isso faz-se necessário a apresentação do livro a esse aluno de forma diferenciada, e o professor como mediador, deve proporcionar atividades lúdicas para que o aluno perceba o livro e a sua ludicidade. A função da escola é compatibilizar o ensino com o trabalho de inclusão, a fim de obter ações pedagógicas importantes que atendam as necessidades especiais destes alunos.

A literatura por usar um discurso despretensioso, mas que representa a sociedade e a realidade, pode ser um apropriado recurso pedagógico pois nos ajuda a trabalhar a diversidade do ser humano, que por meio dela possa conviver com sentimentos como medo, desejos, confiança e reflexão. E assim, a criança leitora, ao refazer conceitos, liberta-se de sentimentos armazenados e esse processo de ordem cognitiva contribui significativamente para a inclusão, propiciando a aceitação e a reconstrução da autoestima daqueles que estão marginalizados no ambiente de ensino.

O indivíduo precisa aprender a perceber que há muitas maneiras de ver o mundo, a conhecer-se, ver suas próprias características sem ignorar o que é considerado bom ou mau, precisa aceitar-se, sua aparência, seu modo de agir e pensar, aprender a conviver melhor com o outro e a ter paciência consigo mesmo; dar-se um tempo, mais que tudo, perceber os progressos que faz diariamente; precisa aprender a enfrentar os medos e as dificuldades; perceber todo o seu valor; respeitar-se pelo que pode ou não pode pensar e fazer. Segundo COELHO (1999):

“A literatura pode também ser um elemento facilitador na promoção da inclusão, pois o papel imediato da literatura será, então, não só testemunhar uma realidade, mas também traduzi-la e recriá-la na esperança de que mude para melhor”. (Pg.35)

Assim a literatura afigura-se um caminho privilegiado para o auto conhecimento ao tratar de problemas da vida, tornando-se um elo facilitador ao trazer à tona os conflitos humanos de forma singular e expressiva, funcionando como portas que se abrem para determinadas verdades.(Coelho 1999, p. 35)



## 2. - EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Inclusiva não é uma moda passageira. Ela é o resultado de muitas discussões, estudos teóricos e exigências que tiveram a participação e o apoio de organizações, de pessoas com deficiência e educadores, no Brasil e no mundo. Fruto também de um contexto histórico em que se resgata a educação como lugar do exercício da cidadania e da garantia de direitos. Isto acontece quando se preconiza, por meio da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), uma sociedade mais justa em que valores fundamentais são resgatados como a igualdade de direitos e o combate a qualquer forma de discriminação. Percebeu-se que as escolas estavam ferindo estes direitos, tendo em vista os altos índices de exclusão escolar; populações mais pobres, pessoas com deficiência, dentre outros, estavam sendo, cada vez mais, marginalizados do processo educacional. A Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), A declaração de Salamanca (1994) e a Convenção Interamericana Para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Pessoa Portadora de Deficiência (1999) são alguns dos mais importantes documentos produzidos sobre esse assunto (MEC, SEESP, 2001), conforme veremos a seguir:

**1948** – Declaração Universal de Direitos Humanos (ONU). Estabelece que os Direitos Humanos são direitos fundamentais de todos os indivíduos. Todas as pessoas devem ter respeitados os seus Direitos Humanos: direito à vida, à integridade física, à liberdade, à igualdade e à dignidade, à educação.

**1971** – Declaração dos Direitos das Pessoas mentalmente retardadas (ONU). Determina os direitos das pessoas com deficiência intelectual.

**1975** – Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (ONU). Estabelece os direitos de todas as pessoas com deficiência, sem qualquer discriminação.

**1980** – Carta para a Década de 80 (ONU). Determina metas dos países membros para garantir igualdade de direitos e oportunidades para as pessoas com deficiência.

**1990** – Conferência Mundial sobre Educação para Todos (ONU) aprova a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien, Tailândia) e o Plano de Ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem; promove a universalização do acesso à educação.

**1993** – Normas sobre Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência (ONU). Determina padrões mínimos para promover igualdade de direitos (direito à educação em todos os níveis para crianças, jovens e adultos com deficiência, em ambientes inclusivos).

**1993** – Declaração de Manágua – Delegados de 39 países das Américas determinaram a inclusão curricular da deficiência em todos os níveis da educação, a adequada formação dos profissionais e medidas que assegurem acesso a serviços públicos e privados, incluindo saúde, educação formal em todos os níveis além de trabalho significativo para os jovens.

**1994** – Declaração de Salamanca – propôs princípios, políticas e prática em Educação Especial, proclamada na Conferência Mundial de Educação Especial sobre necessidades Educacionais Especiais, reafirma o compromisso para com a educação para todos e reconhece a necessidade de providenciar educação para pessoas com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino.

**1999** – Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra pessoa Portadora de Deficiência - Guatemala – Condena qualquer discriminação, exclusão ou restrição por causa da deficiência que impeça o exercício dos direitos das pessoas com deficiência, inclusive a educação.

**1999** – Declaração de Washington – Representantes de 50 países determinaram “Perspectivas globais em Vida Independente para o Próximo Milênio”, Washington DC, Estados Unidos, reconhecendo a responsabilidade da comunidade no fomento à educação inclusiva e igualitária.

**2002** – Declaração de Sapporo, Japão – Representantes de 109 países, Três mil pessoas, em sua maioria com deficiência, na 6ª Assembleia Mundial de Disabled Peoples International – DPI, convocam os governos em todo o mundo a erradicar a educação segregada e estabelecer políticas de educação inclusiva.

**2002** – Congresso Europeu de Pessoas com Deficiência proclama 2003 como o ano Europeu das Pessoas com Deficiência, para conscientizar sobre os direitos de mais de 50 milhões de europeus com deficiência.

**2004** – Ano Ibero-americano da Pessoa com Deficiência - proclamada na última reunião de cúpula dos chefes de Estados dos Países Ibero-americanos, realizada na Bolívia, da qual o Brasil é membro, define a questão da deficiência como prioridade, fortalecendo as instituições e as políticas públicas direcionadas à inclusão das pessoas com deficiência.

A partir desses estudos e documentos, chegou-se a conclusão de que a melhor resposta para o aluno com deficiência e para todos os demais alunos é uma educação que respeite as características de cada estudante, que ofereça alternativas pedagógicas que atendam as necessidades educacionais de cada aluno: uma escola que disponibilize um ambiente inclusivo e acolhedor, onde todos possam conviver e aprender com as diferenças. Essa é a educação inclusiva.

## **2.1 - INTEGRAÇÃO VERSUS INCLUSÃO**

A deficiência é tão antiga quanto a Humanidade. Ao longo dos tempos, desde a Pré-História até os dias de hoje, as pessoas sempre tiveram que

decidir qual atitude adotar em relação aos membros mais vulneráveis da comunidade, aqueles que precisavam de ajuda para obter alimento, abrigo e segurança, como as crianças, os velhos e as pessoas com deficiência.

Quando pensamos nas pessoas com deficiência, imediatamente pensamos naquilo que as tornam diferentes das demais, isto é, a própria deficiência. É, portanto, a partir do conceito que temos da deficiência que vamos nos posicionar frente às pessoas com necessidades especiais. Se considerarmos a deficiência como uma desgraça, provavelmente vamos sentir pena de uma pessoa deficiente. Mas, se considerarmos a deficiência como uma característica, um tipo de dificuldade que essas pessoas enfrentam, teremos mais condições de aceita-las. A tecnologia moderna é uma prova de que isto é verdade. Uma pessoa com deficiência pode não conseguir subir uma escada mas, se houver um elevador ou uma rampa ela vai ter as mesmas condições que as outras pessoas de se locomover.

Até os anos setenta do século passado, a escola seguia o modelo da integração, ou seja, aceitava somente os alunos que tivessem condições de acompanhar os métodos de ensino e o ritmo de aprendizagem da maioria dos alunos. Considerava-se que a deficiência era um problema da pessoa e, portanto, a pessoa precisava ser modificada, habilitada, reabilitada e educada, para tornar-se apta a satisfazer os padrões aceitos no meio social (família, escola, emprego, ambiente). Quem não estivesse pronto para ingressar imediatamente na escola, precisava ser “preparado”, por uma classe especial ou Escola Especial, até ser considerado aceitável.

A partir dos anos oitenta, esse modelo começou a ser questionado. Nos anos noventa, estava consolidado o novo conceito proposto: a inclusão.

Por esse modelo, a deficiência não é um problema individual mas da sociedade que se apresenta incapaz de atender às necessidades dessas pessoas. Portanto, pelo modelo da inclusão, é a sociedade (escolas, empresas, programas, serviços, ambientes físicos etc.) que precisa se tornar capaz de acolher todas as diferenças individuais. Mas, apesar dessas mudanças de conceito, ainda ouvimos educadores falando que a educação inclusiva é uma ilusão e que ela nunca vai funcionar. Professores defenderam que uma boa

classe especial ou escola especial é melhor para as pessoas com deficiência do que uma escola inclusiva ruim.

Nós professores não podemos mais esperar, nem sermos complacentes com um padrão educacional que não seja aplicável a todos os alunos. Devemos ser mais pró-ativos contribuindo no aprimoramento das habilidades e dos conhecimentos necessários para que cada indivíduo tenha uma vida produtiva. No entendimento de Stainback (2006):

“Como professores estamos sendo chamados a mudar o nosso estilo de ensino para desenvolver a interdependência de indivíduos capazes de serem auto aprendizes por toda a vida.”( pg. 10 )

Essa afirmação nos leva a fazer a seguinte suposição: estarão nossos professores do ensino regular preparados e com disposição para atender este tipo de aluno? Ainda considerando que esses professores muitas vezes chegam a ter uma média de quarenta alunos por turma. Esta reflexão pode ser aprofundada com a afirmação de CARMO (2000):

A inclusão é um assunto que deve ser refletida e investigada com muita precisão, já que a sociedade pode estar criando uma nova modalidade: a de excluídos dentro da inclusão. (pg, 56)

Essas reflexões nos levam a crer que para que ocorra de fato, o processo de ensino-aprendizagem os professores deverão se capacitar e, aí sim estarão aptos a atender esta nova face da educação brasileira. Pois, só assim, a inclusão do aluno portador de necessidades educacionais especiais será bem sucedida e irá gerar bons resultados futuros.

A sociedade para todos está em um processo de construção. Hoje, vivemos um momento único de transição entre modelos e idéias, por isso ainda estamos convivendo com Classes Especiais e Escolas Especiais. Mas, a escola inclusiva e o modelo de inclusão vieram para isso porque se baseiam em conceitos teóricos e práticos desenvolvidos pelos melhores educadores em todo o mundo e refletem o nosso momento histórico.

Esse momento de transição é inevitável porque adotar um novo modelo nunca é fácil. Um modelo de pensamento é uma espécie de filtro através do qual o mundo é interpretado. Isto significa que, ao analisarmos um modelo, não

o fazemos apenas racionalmente, mas, também, e, sobretudo, o fazemos emocionalmente. O modelo da Inclusão exige que abandonemos preconceitos e estereótipos antigos relacionados a educação e as pessoas com deficiência.

A inclusão, portanto, requer uma revolução de paradigmas. Não significa apenas colocar pessoas “diferentes” no ensino regular. Significa não mais conceber as necessidades especiais como imutáveis ou incapacitantes. Significa rever o papel da escola e reafirmar a sua responsabilidade de educar a todos, sem discriminação.

A diferença pode ser sinônimo de diversidade, mas jamais de desigualdade. A educação deve ter como principal tarefa a afirmação das diferenças e individualidades.

Infelizmente percebe-se que as políticas públicas voltadas para o respeito a diversidade e a inclusão, ainda não saíram totalmente do papel. A prática inclusiva ainda não contagiou as nossas escolas.

Sasaki (1999, p. 42) entende que:

Quanto mais sistemas comuns da sociedade adotam a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma verdadeira sociedade para todos - a sociedade inclusiva -, colocando em prática o que é almejado pela Constituição Federal/1988, Estatuto da Criança e do Adolescente, LDB e Declaração de Salamanca.

Uma sociedade torna-se inclusiva quando aceita as diferenças individuais, valoriza cada pessoa, propicia uma convivência dentro da diversidade humana, favorece uma aprendizagem através da cooperação, estimula a participação de cada um, reconhece o potencial de todo cidadão, oferece oportunidades iguais para que cada pessoa seja autônoma, auto-determinada e reconhecem todos os seres humanos como cidadãos livres e iguais.

### **3 - OBJETIVOS**

- Objetivo Geral:

\* Identificar a contribuição da literatura para os alunos com necessidades educacionais especiais - ANEE.

#### **3.1 - Objetivos Específicos:**

\* Investigar se o espaço da sala de leitura tem contribuído para a socialização dos alunos ANEES;

\* Identificar a contribuição da leitura para o aumento da autoestima dos alunos;

\* Verificar a contribuição da leitura para o desenvolvimento crítico e intelectual dos alunos com necessidades educacionais especiais;

\* Identificar se a frequência da leitura propicia, por meio da associação com os textos lidos, melhor entendimento das vivências cotidianas;

Verificar se na escolha dos temas para leitura são consideradas as necessidades especiais dos alunos.

#### 4. – METODOLOGIA

Esta pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa de natureza exploratória ou descritiva, teve como foco a investigação do desenvolvimento e potencialidades de alunos ANEEs. Este estudo foi centrado na trajetória cognitiva e escolar dos sujeitos, destacando o contexto da sala de leitura e o processo que permite o afloramento de suas potencialidades reveladas por seus desempenhos na leitura de livros paradidáticos e a escolha de seu estilo literário e a contribuição da literatura para seu desenvolvimento cognitivo e social.

A pesquisa desempenha importante papel não só nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas. Ela estabelece uma relação hierárquica entre pesquisador e o pesquisado, como na aplicação de questionário padronizado por exemplo, que será utilizado em nosso trabalho em que a relação de interação é recíproca.

O Questionário é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, e que tem o objetivo de propiciar determinado conhecimento ao pesquisador.

Para OLIVEIRA, 1995:

“O questionário é uma técnica quantitativa de pesquisa, pois possibilita a organização dos resultados por categorias e também por resultado em porcentagens”. (pg.104)

Na estratégia de elaboração do questionário optou-se por um questionário curto que é mais utilizado quando se possui um número grande de pessoas investigadas e pouco pessoal para avaliar o resultado. Nesse contexto, a linguagem deve ser simples e direta para que os respondentes compreendam com clareza o que está sendo perguntado.

Na pesquisa qualitativa foi utilizada a entrevista, pois ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada. Ela permite também correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações. As entrevistas foram feitas segundo um roteiro e feitas as anotações durante a entrevista, o que facilitou a seleção e interpretação das



informações obtidas. O analista qualitativo segundo Demo 2001(pag.34), observa tudo o que é dito ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço de cabeça, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, por que tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala.

Em seguida, foi feita a análises dos dados. Para facilitar o entendimento dos resultados utilizamos gráficos, onde foram computados os resultados dos questionários. Elaboramos também um relatório com os dados coletados nas entrevistas.

#### 4.1 – CONTEXTO DA PESQUISA

Os dados da pesquisa foram coletados em uma instituição pública de ensino fundamental séries finais da educação básica da cidade de Santa Maria – Distrito Federal. A escola funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno. O noturno oferece a modalidade de EJA 1º e 2º segmentos.

A instituição possui recursos humanos compostos de: Diretor, Vice-diretor, supervisor pedagógico e supervisor administrativo, chefe de secretaria e coordenadores. O corpo docente é formado de 46 professores aprovados em concurso público e 18 professores substitutos de contratação temporária. A equipe de atendimento psicopedagógico e sala de recursos é formada de 03 Orientadores Educacionais, 02 professores e 1 monitor. A equipe de Assistência à educação é constituída de 4 apoios técnicos de Secretaria, 4 vigias, 2 agentes de portaria, 16 agentes de limpeza e conservação.

O corpo discente é formado por 302 alunos do 6º ano, 315 do 7º ano, 267 do 8º ano, 275 do 9º ano, 159 de EJA 1º segmento e 546 de EJA 2º segmento. O espaço físico constitui-se de 15 salas de aula: sala de leitura; sala de vídeo; laboratório de informática; sala de coordenação, direção, e apoio disciplinar; secretaria; pátio; quadra de esportes; banheiros, lanchonete, depósitos de merenda, cantina, guarita e estacionamento.

## **4.2 – PARTICIPANTES**

Foram selecionados para esta pesquisa os professores de língua portuguesa que têm em suas classes alunos portadores de necessidades educacionais especiais, os professores que atuam na sala de recursos da escola e os atuantes na sala de leitura. As entrevistas por sua vez foram realizadas nos dois turnos (matutino e vespertino), com 32 alunos com necessidades especiais frequentadores da sala de leitura, e os alunos leitores mais assíduos.

## **4.3 – INSTRUMENTOS**

Os Instrumentos utilizados na pesquisa foram questionários com 14 perguntas destinados aos docentes, e roteiro de entrevistas que foram aplicados aos alunos.

## **4.4 – PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS**

A pesquisa feita entre os docentes foi de certa forma, dificultosa em relação à entrega das respostas à pesquisadora. Utilizou-se um momento do horário de coordenação para a distribuição dos questionários. No entanto, o recolhimento, foi difícil. Mesmo trabalhando na escola a pesquisadora teve dificuldade com o retorno das respostas. As justificativas pela demora foram as mais diversas possíveis: de acúmulo de trabalhos pedagógicos, término do ano letivo, recuperação final e até meros esquecimentos. Percebeu-se, também, uma certa ausência de colaboração e indisposição de alguns docentes em contribuir com a pesquisa.

O espaço disponibilizado para as observações e entrevistas formuladas aos alunos, por ser muito concorrido, no caso a sala de leitura, gerou certos desconfortos nos respondentes. Apesar de todas as dificuldades, conseguiu-se terminar a coleta dos dados dentro do prazo, dando a pesquisadora tempo de fazer a análise com sucesso.

#### **4.5 - O PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS**

A coleta de dados previu a realização de entrevistas e de aplicação de questionário. As entrevistas realizaram-se de forma semi-estruturada, através de um formulário previamente elaborado (em anexo) que serviu como referência para a condução dos diálogos com os sujeitos.

O questionário limitou-se a buscar informações aos educadores a respeito da sala de leitura, frequência dos alunos na mesma, acervo literário e utilização destes pelos alunos ANEEs.

O processo de análise dos dados foram feitos à medida que os dados foram produzidos. Esse processo previu a contextualização das falas dos alunos. Segundo Minayo (1994, pg.231) é denominado de “Hermenêutico-dialético”. Ressalta autora a necessidade de compreensão da expressão dos sujeitos dentro de seus respectivos contextos históricos.

## 5. – VERIFICANDO O RESULTADO DA PESQUISA

O conteúdo que será apresentado nesta fase é uma síntese da análise e reflexão dos dados coletados em campo.

A pesquisa teve algumas limitações, entre elas o pouco tempo destinado ao tema leitura e literatura, que nos remete ao campo cultural do país, pois a leitura é o calcanhar de Aquiles da educação brasileira, devido ao alto índice de analfabetos funcionais existentes em várias faixas etárias do ensino público brasileiro. A aplicação dos questionários e a demora em receber as respostas dos questionários aplicados aos docentes também contribuíram para a limitação do trabalho.

A necessidade do aluno com necessidades educacionais especiais de aprender é muito grande, pois os obstáculos que enfrenta no seu dia a dia serão minimizados e eles por sua vez terão sua baixa estima transformadas em auto estima.

A leitura de mundo precede a leitura da palavra (Freire, 1997, p. 12-15). Porém chega um momento em que é necessário ler o mundo com palavras.

Conforme está representado no quadro demonstrativo do roteiro de entrevista com os alunos ANEEs, dos 32 alunos com necessidades especiais só 15 alunos participaram das entrevistas, pois estes são freqüentadores assíduos da sala de leitura. Os 17 alunos restantes não despertaram ainda o interesse pela leitura da literatura. Dos 15 alunos entrevistados conforme o quadro 11 alunos responderam que gostam de ler, 02 responderam que não gostam de ler, 01 gosta mais ou menos e 01 aluno não respondeu. Quando perguntou se já haviam lido algum livro os 11 que gostam de ler responderam que sim, já haviam lido um livro e 04 alunos responderam que não. Na terceira pergunta se você acha que melhorou a sua aprendizagem após você ler alguns livros, apenas 08 alunos responderam que sim, 03 alunos responderam que mais ou menos e 04 alunos não responderam a questão, alegando que não perceberam nenhuma mudança. Quando perguntados se encontravam prazer na leitura, 11 alunos responderam que sim, 02 responderam que não, só lêem porque a professora incentiva, e que tem muita dificuldade na leitura oral,

necessitando assim exercitar mais a leitura e 02 alunos responderam que é e não é um prazer, ou seja mais ou menos. O óbvio na resposta da pergunta “você compra livros”, 15 alunos responderam que não. Já esperava por este resultado, uma vez que literatura no Brasil ainda é muito caro.

A maioria de nossos alunos com necessidades educacionais especiais encontram-se em situação familiar precária, o que dificulta o avanço dos alunos e todos os suportes que necessitam. O exemplo é de um aluno do 9º ano, que é um dos nossos leitores mais assíduos: quando questionado se, nas férias, havia lido algum livro, ele respondeu que não, pois não tinha condições de comprá-los, que dependia da sala de leitura para ter acesso a bons livros. Por esse motivo é que acredito que é preciso que a escola invista em projetos de leitura e que os mesmos façam parte da grade curricular de forma cotidiana. Claro, adequados a cada situação do aluno com necessidades educacionais especiais. Talvez, assim, existirão muitos alunos que terão condições de avançar nos estudos de forma significativa, de absorver informações de várias literaturas. Por enquanto segundo a pesquisa feita estamos andando a passos muito lentos.

A1“ ... eu quero aprender, eu tenho muita vontade de ler um livro todo”.

É neste momento que as atividades de intervenção do professor se fazem necessária. A relação do aluno e do professor no seu cotidiano escolar leva o aluno a ter curiosidades em aprender. O carinho que flui nesta relação educando e educador estabelece relações de afeto que serão ligadas à técnica de aprender, conforme podemos observar na fala de um dos entrevistados:

A2, “Quero ler um livro, pois a professora disse que é bom, que vai melhorar minha leitura”.

Segundo Fernandez, (1995, p. 176) sem curiosidade não há aprendizagem possível. Curiosidade seria a pergunta, a investigação, a necessidade de que o aprendente se conecte com o que precisa, a partir dessa conexão com a falta, com a ignorância, haverá circulação de conhecimento.

Percebe-se, no entanto que há um paradoxo em torno da leitura, visto que, dos 15 alunos com necessidades educacionais entrevistados, 11 dizem gostar de ler, apenas 2 não gostam e 1 diz gostar mais ou menos e 1 não

respondeu conforme é demonstrado no gráfico abaixo. Ao responderem a pergunta “Você já leu algum livro, 11 alunos responderam que sim e 4 alunos responderam que não. Apesar das respostas positivas, com relação à leitura, a quantidade média de livros lidos ao ano é pequena. Alguns alunos que dizem gostar de ler, fizeram as seguintes colocações:

A3 “Alguns livros nos mostram a realidade e nos diverte”; A4 “A leitura estimula a aprendizagem”.

A5 “Dependendo do livro, eu entro num mundo de fantasias, esqueço os problemas e ainda me divirto”.

A6 “Gosto dos livros que leio e tento ler mais”.

A7 “A leitura ajuda a aprender e nos informa”.

A8 “Ler exercita a mente”; “Ler ajuda a tirar boas notas”.

Os que não gostam de ler justificam:

A8 “Me dá sono”; A9 “Tem bastante página”.

A10 “Eu não tenho paciência”.

A11 “Eu perco tempo”.

A12 “Tem muita coisa pra ler”.

Segundo Geraldi (2004),

“O ponto primordial para o sucesso ao incentivo à leitura seria recuperar e trazer para dentro da escola o prazer de ler e o respeito às leituras anteriores do aluno”. (pg. 99)

### Quadro demonstrativo do Roteiro de Entrevista com os alunos ANEEs.

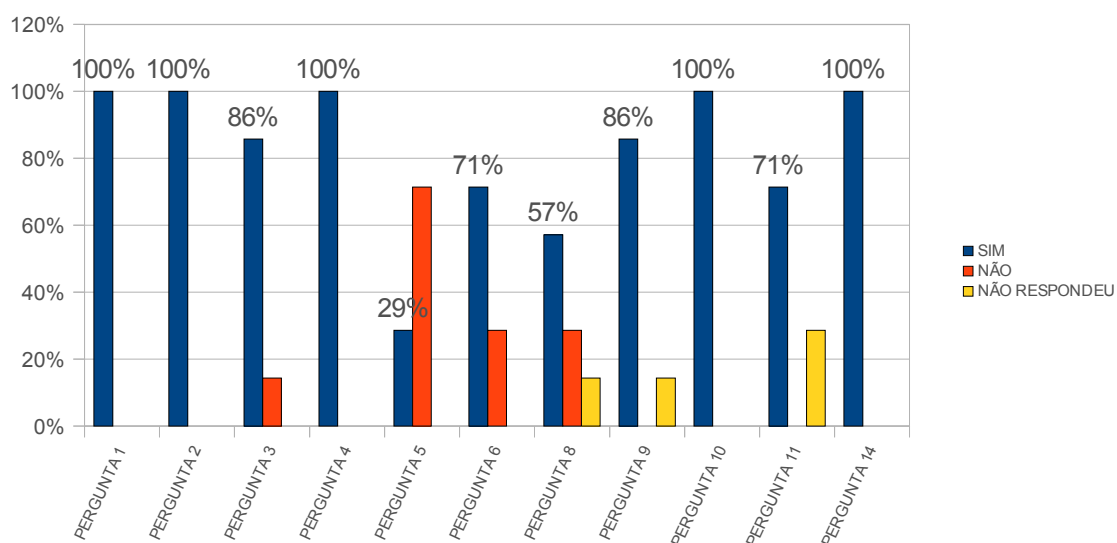
Pergunta	Quantitativo de alunos				
	SIM	NÃO	NÃO LEMBRA	MAIS OU MENOS	NÃO RESPONDEU
Você gosta de ler?	11	02		1	1
Você já leu algum livro?	11	04			
Você acha que melhorou a sua aprendizagem após você ler alguns livros?	08			03	4
Você considera a leitura um prazer?	11	02		02	
Você compra livros?		15			
só ler na sala de leitura da escola.	11	02			

Até mesmo os professores não têm uma trajetória literária, muitos não criaram o hábito da leitura. Segundo o mesmo autor (2004, pg 99), "não há leitura qualitativa no leitor que leu apenas um livro", o que significa que os professores devem propiciar aos alunos um maior número de leituras e gêneros literários, ainda que a interlocução que o aluno faça hoje não seja a esperada pelos docentes.

Ao responderem a pergunta, "Se a leitura de livros contribuíram para sua aprendizagem?", 08 alunos afirmaram que sim, que agora sentiam mais facilidade em entender os textos propostos pela professora em sala de aula, 03 responderam que mais ou menos, ainda não tinham feito essas observações e 04 se calaram, não responderam. Alguns alunos afirmaram que encontram maior facilidade para entender os enunciados solicitados nas avaliações bimestrais, agora que são leitores.

A maioria dos alunos que participaram da entrevista manifestou desejo de se dedicar mais à leitura devido a importância que a mesma tem em seu desenvolvimento e em sua aprendizagem, pois é uma forma de aprender se divertindo.

#### GRÁFICO SOBRE O QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES (Anexos, pg. XX)



De acordo com as afirmações dos professores, pode-se perceber que eles, estão inteirados dos projetos de leitura da escola, e que os mesmos trabalham a leitura com seus alunos com necessidades educacionais especiais. Esse trabalho é percebido pela freqüência dos alunos na sala de leitura e pelo número de alunos que lêem. Dos 15 alunos entrevistados 11 lêem e gostam de ler. Conforme está ilustrado no gráfico abaixo, as respostas das perguntas 1 e 2 respectivamente, “A Sala de leitura de sua escola é atuante? E “A sala de leitura desenvolve algum projeto de leitura? Qual? Ambas obtiveram 100% de respostas positivas pelos docentes que responderam o questionário.

Ao levantarmos a questão, “A direção da escola se preocupa com o bom funcionamento da sala de leitura?”, O resultado é que 100% dos pesquisados responderam que sim, a sala de leitura é um espaço importante na escola, e que é muito frequentado por toda a comunidade escolar. Tanto professores como os alunos a utilizam, pois seu acervo bibliográfico é atrativo, porque a direção valoriza e prioriza esse espaço.

É necessário destacar que cada vez mais as atividades de leitura e outros serviços oferecidos por uma sala de leitura na educação especial são de suma importância. Esta afirmação é feita, visto que, cada vez mais é discutida a importância da inclusão dos portadores de necessidades especiais nas escolas de ensino regular e que, desde 2003, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Especial, assumiu o compromisso de apoiar os estados e municípios na sua tarefa de fazer com que as escolas brasileiras se tornem inclusivas, democráticas e de qualidade.

Analisando as respostas da pergunta número cinco: o espaço da sala de leitura de sua escola está preparado para receber alunos com necessidades especiais?”, percebemos que apenas 29% dos entrevistados concordam que o espaço da sala de leitura está preparado para receber alunos com necessidades especiais. O restante dos pesquisados concorda que são necessárias algumas adaptações em seu espaço físico que contemplem a acessibilidade dos alunos com necessidades educacionais especiais. A verificação é que falta muito para que esse espaço possa atender dignamente a clientela especial. Percebe-se também que há muito que melhorar,



principalmente quanto à qualidade do acervo bibliográfico para alunos portadores de necessidades especiais.

De acordo com as respostas afirmativas dos professores na questão número 06, “A sala de leitura conta com acervo literário de acordo a faixa etária da clientela, inclusive livros literários específicos para alunos com necessidades especiais”, 71% dos pesquisados concordam que o acervo é considerável, mas que para os alunos especiais há necessidade de mais material específico. Talvez seja esse o ponto fraco da sala de leitura, pois conforme os alunos entrevistados dos 15 respondentes, apenas 8 alunos responderam que a leitura dos livros melhorou sua aprendizagem, denotando assim, a importância de material e atividades específicas para essa clientela, tais como: Fantoches, brinquedos, dramatizações, músicas, etc... é necessário mesclar atividades de leitura com atividades recreativas. Esses recursos vêm sendo preconizados por vários autores nas mais diversas áreas, pelo seu valor educativo com pessoas portadoras de necessidades especiais. De acordo com Domingues, Alves (2005):

“ O papel das leituras e das brincadeiras não é restrito as crianças/pessoas ditas normais. Pode sim ser compartilhada com portadores de necessidades especiais”. (pg. 06)

No entanto os dados recolhidos foram significativos para a análise da pergunta número 7, sobre a frequência da leitura de livros que é exigida pelo professor aos alunos com necessidades especiais. Dos respondentes, 100% afirmaram que cobram a leitura desses alunos na mesma proporção dos demais alunos - pelo menos 04 livros por ano, um por bimestre. A pergunta número 08, “Se a escola desenvolve projetos de literatura que estimule a leitura dos alunos ANEEs, 57% dos professores, responderam que sim. Segundo os mesmos os alunos ANEEs participam dos mesmos projetos literários cobrados aos outros alunos.

A aprendizagem é mais significativa quando a atividade lúdica está presente no contexto educacional, embora isso não se apresente como prática constante na escola. (SANTOS, 2008, p.81).

Ao questionar os professores “se a leitura de livros, textos, auxiliara os alunos a um melhor entendimento das vivências cotidianas”, 86% das respostas são positivas. Constatou-se que conforme as observações feitas aos alunos entrevistados, que, na leitura de revistas e jornais, eles conseguiam na sua maioria identificar as notícias atuais e associá-las as vivências do seu cotidiano.

Na pergunta número 10, 100% dos respondentes concordam que a leitura de livros e textos aumentou a autoestima dos alunos. Verificou-se que além de incentivar nos alunos o hábito da leitura, conseguiu despertar interesse pela atividade de leitura. Citamos aqui algumas colocações dos respondentes:

P1 “Pois ler é fundamental em nossa vida e a leitura bem estimulada proporciona prazer e trabalha a autoestima de modo positivo”.

P2 “Através da leitura o aluno percebe-se como cidadão, filho, irmão, sobrinho... e assimila conhecimentos e sentimentos”.

P3 “A partir do momento em que estão lendo, adquirem maior conhecimento, estimulando assim a aprendizagem”.

Das respostas da pergunta número 11, 71% dos docentes acreditam que seus alunos obtiveram crescimento cognitivo devido a leitura de livros literários, e dos alunos entrevistados, 08 alunos concordam que a leitura contribuiu para a sua aprendizagem. Em se tratando de escola pública temos muito a avançar. Os índices apresentados precisam melhorar e muito.

A leitura possui alguns aspectos relevantes e DECHANT (Apud Borba, 2000,) destaca a leitura como:

“Sendo um processo sensorial, um processo perceptual, uma resposta aprendida, uma tarefa desenvolvida, um interesse emotivo, um processo de aprendizagem, um processo de linguagem e um processo de integração”. (pg, 83)

O papel da leitura não é restrito a ninguém, seja dito “normal” ou com deficiência mental, física, motora, auditiva e/ou visual. Qualquer pessoa pode ser estimulada através de atividades de leitura e de atividades lúdicas para atingir o máximo de suas potencialidades.

A pergunta de número 14, sobre o acervo da sala de leitura e a preocupação da direção da escola em adquiri-los, 100% concordam que os esforços da direção são louváveis. No entanto, sabemos que o acervo de uma biblioteca escolar direcionada também aos portadores de necessidades educacionais especiais deve disponibilizar material especializado sobre o tema Educação Especial, brinquedos pedagógicos, livros infantis e de literatura, recursos audiovisuais, instrumentos musicais e outros, a fim de estimular experiências reais e proveitosas desenvolvendo e estimulando a linguagem expressiva e compreensiva do aluno.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em um curto espaço de tempo, percebe-se o descaso com que o sistema educacional público vê as salas de leitura. O espaço físico não é adequado, a maioria dos alunos ainda não criou o hábito de freqüentá-las, e grande parte delas ou está abandonada ou é utilizada muitas vezes como depósito de livro didático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o Brasil tem passado por diversas transformações econômicas e sociais, e a partir das quais é necessário lutar pelas diversidades. A escola pública de qualidade é uma dessas transformações, pois deve promover no seu interior uma democracia que liberte os menos favorecidos.

A tarefa da Educação Especial é grande, tendo em vista os paradigmas e preconceitos existentes na sociedade em geral, na qual os portadores de necessidades especiais são vistos como incapazes de participar do processo produtivo. Nesse ponto, a importância do trabalho da sala de leitura há de ajudar a dissipar essa imagem negativa com a informação e demonstrar que é possível, sim, a inserção dessas pessoas especiais na vida dita “normal”.

A referida pesquisa científica é uma proposta que busca elevar o conhecimento e o bom desenvolvimento do tema escolhido. Foram feitas pesquisas bibliográficas de diversas obras sobre a contribuição da literatura para o desenvolvimento do aluno com necessidades especiais, ANNEs. Não foi um levantamento bibliográfico fácil devido ao fato de o tema ser voltado aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Através da análise dos instrumentos utilizados detectou-se que, apesar da leitura da literatura ser uma necessidade da escola e de fazer parte do currículo, não é trabalhada de forma efetiva com os alunos com necessidades educacionais especiais e nem tão pouco como os alunos ditos “normais”.

Os objetivos específicos da pesquisa foram contemplados, pois foi investigado se o espaço da sala de leitura tem contribuído para a socialização dos alunos ANEEs, as respostas obtidas afirmam que falta muito para que o espaço físico da sala de leitura e suas atividades pedagógicas contemplem os alunos com necessidades especiais. A escola comum necessita torna-se uma escola inclusiva, pois só assim haverá uma preocupação sincera em atender essa clientela, com atividades de socialização, atividades lúdicas, dentro da própria sala de leitura, dando a mesma um aspecto mais atrativo e dinâmico.

Foi confirmado pelos docentes que a leitura da literatura tem contribuído para o aumento da autoestima dos alunos ANEEs, eles se apercebem como participantes ativos do mundo em que vivem mais úteis percebem que são tão normais como os outros, pois a literatura é democrática. Identificou-se que a frequência da leitura propicia, por meio da associação com os textos lidos, melhor entendimento das vivências cotidianas, para tal a leitura do jornal, Correio Braziliense recebido pela escola diariamente tem contribuído para que os alunos consigam entender através da leitura, as vivências cotidianas através das notícias.

Os dados colhidos remetem à conclusão de que há muito que se fazer para que a literatura se estabeleça como ferramenta de motivação de aprendizagem na escola campo. Pela análise das respostas dos professores, a sala de leitura da escola é atuante, porém nem seu espaço e nem seu acervo estão preparados para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais. Porém, concordam unanimemente que a literatura é um suporte pedagógico necessário para o desenvolvimento cognitivo do aluno ANEEs. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs, (1999),

“A literatura deve estar integrada às aulas de leitura e a metodologia de ensino deve considerar o caráter sócio interacionista da linguagem verbal, tendo o texto como objeto de trabalho, considerado nos diversos gêneros que circulam em nossa sociedade”.

Os alunos na sua maioria gostam de ler, porém segundo análise dos dados o número de livros lidos ainda não é o ideal, precisa melhorar e muito, É necessário que a sala de leitura ofereça atividades pedagógicas atrativas, que permitam ao aluno com necessidade especial, maior interação com o espaço e com o ambiente social.

Assim, espero que este trabalho contribua para que os profissionais da área de educação inclusiva valorizem a leitura e a usem como instrumento pedagógico cotidianamente para que os alunos ANEEs tenham, também, acesso ao livro e aprendam a vê-lo como um colaborador em sua aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_ Considerações Contextuais e sistêmicas para a educação inclusiva Susan Stainback. Inclusão – Revista da educação especial – ano 2 Dezembro/2006.

\_\_\_\_\_ O desenvolvimento do hábito de ler na construção da cidadania – Regina Áurea Pupin Faccini e Íris Fenner Bertani. WWW. franca. unesp.br.

AKAGUI, D., Kirner, C. LIRA - Livro Interativo com Realidade Aumentada. Proc. of VII Symposium on Virtual Reality, SP, outubro de 2004.

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem que pudesse existir, 3ª edição. Campinas: Papirus, 2001

\_\_\_\_\_ A importância da Leitura – Luis Carlos Wolfgang – artigo, Editora F&C-2010

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. Inclusão: Uma revolução na saúde. Rio de Janeiro: WVA Editora, 1999.

BORBA, Mátria do Socorro de Azevedo. Adolescência e leitura: Contribuição da escola e da Biblioteca Escolar. In. AMARILHA, Marly (org), Educação e leitura – Natal, Editora UFRN 2000 – 295 p. P 79-116.

BUENO, José Geraldo Silveira. A Inclusão escolar de alunos deficientes em classes comuns de ensino regular. Revista TEMAS SOBRE DESENVOLVIMENTO – Vol. 9, número 54, Janeiro/fevereiro,2001.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. Petrópolis. Ed. Vozes, 5ª Edição, 1980.

CARVALHO, Rosita Edler. A nova LDB e a Educação Especial. Rio de Janeiro: WVA Editora, 2ª edição, 1998.

COELHO, Nelly Novaes – O Conto de Fadas: Símbolos e mitos arquetípos. 2 edição – São Paulo: Ática 1999.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. Desenvolvimento psicológico e Educação. 2ª edição – Porto Alegre: Artmed, 2004.

DEMO, Pedro – Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas. (2001:34)

DOMINGUES, Fernanda; ALVES, Jacqueline Pessoa. Atividades de Leitura para portadores de necessidades especiais. Florianópolis, 2005. (Relatório de projeto de extensão)

FOUCAMBERT, Jean. A Leitura em questão. Porto Alegre: Artes médicas, 1994. p. 157

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro, Paz e Terra editora, 1980.

GERALDI, Wanderley João (org) O Texto na sala de aula, São Paulo: Ática, 2004.

INCLUSÃO, Revista da Educação Especial, - Dezembro de 2008

\_\_\_\_\_Literatura Infantil- Amélia Fernandes Cândido – Artigo. [www. Acácio.kit net/Le03.htm](http://www.Acacio.kitnet/Le03.htm)

MANTOAN, Maria Tereza Égler. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003 – Coleção Cotidiano Escolar.

MINAYO, Ma C. de S. Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

Ministério da Educação; SEESP (Secretaria de Educação Especial)-*Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Brasília: SEESP, 2001

Ministério da Educação. PCN: Área de linguagem, códigos e sua tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Especial/Mec, 1999.

OLIVEIRA, Marta K. de. Vygotsky- Aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico. São Paulo: Spione, 1993.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Educação para o trabalho e a proposta inclusiva. Educação Especial: tendências atuais. Brasília: MEC. Secretaria de Educação à Distância Brasília, 1999.

SILVA, Maria Emília da; FACHEN, Gleisy Regina Bóries. Leitura para portadores de deficiência com necessidades especiais: Relato de uma experiência. Revista ACB, Florionópolis, v. 7 nº ½, 2002. p. 148-156

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira. História&História. 6 edição. São Paulo: Ática, 2003



## APENDICE

### APÊNDICE A – Questionário aplicado aos docentes

Eu, Ailde Lima e Silva, aluna do Curso de Especialização / CEAD - UNB, estou realizando uma pesquisa que tem como objetivo verificar qual a Contribuição da Leitura para os alunos com Necessidades especiais. Para tal fim, peço a sua colaboração para preencher este questionário. A análise de suas respostas será realizada com procedimentos que resguardam sua identidade. Agradeço sua disponibilidade e gentil colaboração

#### DADOS DO(A) PROFESSOR(A)

NOME \_\_\_\_\_

ÁREA DE COORDENAÇÃO \_\_\_\_\_

1 – A Sala de Leitura de sua escola é atuante?

( ) sim

( ) não

2 – A Sala de Leitura desenvolve algum projeto de leitura?

( ) sim

( ) não

Qual?

\_\_\_\_\_

3 – Os alunos com necessidades educacionais especiais frequentam a sala de leitura?

( ) sim

( ) não

4 – A Direção da escola se preocupa com o bom funcionamento da Sala de Leitura?

( ) sim

( ) não

5 – O espaço da Sala de Leitura de sua escola está preparado para receber alunos com necessidades especiais?

( ) sim

( ) não

O que falta para que o espaço seja propício? \_\_\_\_\_

6 – A Sala de Leitura conta com acervo literário de acordo a faixa etária da clientela, inclusive livros literários específicos para os alunos com necessidades especiais?

( ) sim

( ) não

7 – Com que frequência você solicita que os alunos com necessidades especiais leiam livros literários?

\_\_\_\_\_

8 – A escola desenvolve projetos de literatura que estimule e envolva todos os alunos com necessidades educacionais especiais? Qual?

( ) sim

( ) não

Qual \_\_\_\_\_

9 – Os textos e / ou livros lidos pelos alunos, auxiliam o melhor entendimento das vivências cotidianas dos alunos com necessidades educacionais especiais?

( ) sim

( ) não

10 – Você acredita que a leitura possa de alguma forma contribuir para o aumento da autoestima dos alunos com necessidades educacionais especiais?

( ) sim

( ) não

( ) mais ou menos

Porquê?

\_\_\_\_\_

11 – Você tem percebido que os alunos com necessidades educacionais especiais estão com melhor crescimento cognitivo devido a leitura de livros literários?

- sim
- não
- nem todos

12 – Seus alunos com necessidades especiais comentam os livros que estão lendo?

- sim
- não

13 – Você tem percebido mais interesse pelos estudos por parte dos alunos que frequentam a sala de leitura e que leem mais?

- sim
- não

14 – Os responsáveis pela Sala de Leitura, juntamente com a Direção se preocupam em adquirir gêneros literários que interessam aos alunos com necessidades educacionais especiais?

- sim
- não

Quais \_\_\_\_\_

Obrigada pela sua participação

**Apêndice B – Roteiro da entrevista com os alunos.**

1 – Você gosta de ler?

2 – Você já leu algum livro?

3 – Você acha que melhorou a sua aprendizagem após você ler alguns livros?

4 – Você considera a leitura um prazer?

5 – Você compra Livros, ou só lê na sala de leitura da escola?



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre\_\_\_\_\_ . Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa \_\_\_\_\_ (RELACIONAR O QUE SERÁ FEITO: POR EXEMPLO gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs , INCLUSAÕ, ETC e, ainda, entrevistas (gravadas em áudio) com os professores no intuito de .....). Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Para isso, solicito sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone ..... ou no endereço eletrônico ..... Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda do .....UAB – UnB

---

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) \_\_\_\_\_  
neste estudo.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

E-mail (opcional): \_\_\_\_\_